

## PETRU STEFAN: da Escola de Química ao Curso de Geografia e História da FAFI\*

PETRU STEFAN: from the Chemistry School to the Geography and History at FAFI

Vera Maria dos Santos\*\*

Menílton Menezes\*\*\*

### RESUMO

O estudo em pauta analisa a trajetória do professor Petru Stefan na Escola de Química de Sergipe e como um dos fundadores da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FAFI), o docente atuou também no curso de Geografia e História, daquela Faculdade. As fontes que deram origem ao estudo foram encontradas no Instituto de Pesquisa e Tecnologia do Estado de Sergipe (ITPS) e no Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe (UFS). O conceito de intelectual, segundo autores como Bourdieu e Jean-François Sirinelli, é de fundamental importância para o desenvolvimento dessa pesquisa, que se encontra em andamento. A importância em estudar esse intelectual deve-se ao fato de ele ter ocupado um espaço singular no panorama cultural e político sergipano na década de 1950.

**Palavras-chave:** intelectual, Escola de Química de Sergipe, Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

### ABSTRACT

This study analyses the trajectory of the teacher Petru Stefan at The Chemistry School in Sergipe and how one of the founders of the “Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FAFI)” who has also worked at its Geography and History courses. The sources to this study were found at “Instituto de Pesquisa e Tecnologia do Estado de Sergipe (ITPS)” and at “Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe (UFS)”. The concept of intellectual, according to authors like Bourdieu and Jean-François Sirinelli, is of fundamental importance to the development of this ongoing research. The importance of studying this intellectual is due to the fact that he had occupied a singular position in the cultural and political context in Sergipe during the decade of 1950.

**Keywords:** Intellectual. Chemistry School in Sergipe. Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

\* O texto é resultado de uma pesquisa iniciada em 2006, que foi originalmente apresentada com o título: PETRU STEFAN: QUÍMICA, FÍSICA E GEOGRAFIA, no II CIPA Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica-tempos, narrativas e ficções: a invenção de si, em 2006, realizado em Salvador. Ampliada, a pesquisa foi apresentada, com o título PETRU STEFAN E A ESCOLA DE QUÍMICA DE SERGIPE, no III Seminário Internacional de Educação: A pesquisa e a questão da Inclusão Social em 2007, realizado na UFS.

## INTRODUÇÃO

A ideia de recompor este artigo surgiu ao saber que o curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe, instalado no Campus de São Cristóvão está completando sessenta anos.

A Geografia e a História estiveram presentes nos cursos que integraram a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FAFI), criada em 25 de março de 1951, por iniciativa da Arquidiocese de Aracaju. Os Cursos Superiores de Licenciatura em Geografia e História eram ofertados conjuntamente, em regime seriado, com duração média de (04) quatro anos e uma carga horária total de 2.700 horas.

Se considerarmos a história de cursos de outras universidades do país, podemos dizer que o nosso curso é novo, no entanto, levando em conta o ambiente sergipano, em sessenta anos, ele deu grandes contribuições à nossa sociedade em vários aspectos: político, econômico, ambiental e social.

Com base nesse entendimento, buscamos entre os fundadores daquela Faculdade, o professor e pesquisador de origem romena Petru Stefan, fazendo a seguinte indagação: o que o trouxe às terras sergipanas? É essa questão que norteia o desenvolvimento deste texto e é investigando a trajetória desse intelectual, que atuou em diversos campos do saber, inclusive a Geografia, que prestamos a nossa homenagem aos sessenta anos desse curso.

Quando começamos a busca das fontes para compor a trajetória de Petru Stefan, deparamo-nos com documentos evidenciando que o citado professor lecionou em dois cursos diferentes. No curso de Geografia, da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FAFI) e no curso de Química,

---

\*\* Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe e Mestre em Educação pela mesma Instituição. Doutoranda em Educação pela UFS. Técnica em Assuntos Educacionais da UFS; integrante do grupo de estudos e pesquisas em História da Educação: intelectuais, instituições e práticas escolares do Núcleo de Pós-graduação em Educação da UFS; membro da SBHE. E-mail: veramstos@yahoo.com.br

\*\*\* Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto do Departamento de Física da Universidade Federal de Sergipe. Membro do "Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação": "Intelectuais da Educação, Instituições Educacionais e Práticas Escolares" do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da UFS. E-mail: menezesmenilton@ig.com.br

da Escola de Química de Sergipe. Ao resolvermos analisar essa dupla atuação em cursos tão diferentes, descobrimos novas fontes e nos papéis amarelados do Instituto de Tecnologia e Pesquisa de Sergipe (ITPS) e do Arquivo Central da UFS, captamos os indícios que apontavam para uma atuação muito mais ampla do que imaginávamos, a princípio.

Essa análise tem como base a Nova História Cultural, a qual entende a noção de intelectual segundo autores como Jean-François Sirinelli<sup>1</sup> e Pierre Bourdieu<sup>2</sup>. Estes autores destacaram a importância de os pesquisadores realizarem estudos sobre os intelectuais e, além disso, chamam atenção para a história política daqueles que deixam aflorar em sua trajetória uma rica atuação em diversas áreas na sociedade.

Conforme Sirinelli, os intelectuais não são entidades autônomas que sobrevivem isoladamente da sociedade, muito pelo contrário, estão a ela ligados, especialmente pelos laços políticos, que lhes conferem identidade. Nesse particular, é importante verificar a posição que os intelectuais e os artistas ocupam na estrutura da classe dirigente. Herschmann compartilhou desse entendimento, ao estudar os discursos dos médicos, engenheiros e educadores, ao considerar esses profissionais como intelectuais a partir da sua própria atuação e a partir do que eles reivindicam na sociedade de sua época, enquanto categoria social particular. O autor chama a atenção ainda para o fato de que, “[...] embora construíssem sua identidade com referência a campos profissionais específicos, assumiram a posição de intelectuais na medida em que, para além dos limites restritos a tais campos, pretenderam formular uma visão geral e um modelo explicativo para o país”<sup>3</sup>.

Voltando a Sirinelli que propõe duas acepções do termo intelectual considerando o caráter polissêmico da noção de intelectual, o aspecto polimorfo do meio dos intelectuais, e a imprecisão daí decorrente para se estabelecer critérios de definição do termo:

<sup>1</sup> SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. Por uma história política, Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 245.

<sup>2</sup> BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma Sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2003.

<sup>3</sup> HERSCHMANN, Michael; KROPF, Simone; NUNES, Clarice. *Missionários do Progresso. Médicos, Engenheiros e Educadores no Rio de Janeiro 1870-1937*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996, p. 8.

[...] uma ampla e sócio-cultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto posta-se uma parte dos estudantes, criadores ou ‘mediadores’ em potencial, e ainda outras categorias de ‘receptores’ da cultura<sup>4</sup>.

É importante registrar que não se pretende construir um registro apologético desse personagem da História da Educação Sergipana, encobrendo-se dessa forma, os mecanismos reais que mostram a sua participação na vida social do nosso Estado. Entretanto, como nos diz Guinzburg<sup>5</sup> nesse personagem percebemos uma singularidade que tinha limites bem precisos: da cultura do próprio tempo e da própria classe.

#### PETRU STEFAN NAS TERRAS SERGIPANAS

Os primeiros registros da atuação de Petru Stefan, em Sergipe, datam de março de 1950, tempo em que se ouvia “os ruídos dos processamentos nas fábricas [que] aliaram-se à imaginação criativa dos empreendedores sergipanos”<sup>6</sup>.

Utilizamos a metáfora de Fontes para caracterizar o alvorecer da industrialização em Sergipe, nos anos de 1950, e para ilustrar o cenário da chegada de Petru Stefan.

Então, em meio ao ruído e à fumaça do processamento das nossas fábricas, Petru Stefan chegou às terras sergipanas. Tinha então, vinte e oito anos de idade e era casado com Renate Stefan, também de origem romena, quando assinou “nas salas térreas do Palácio do Governo”, o primeiro contrato para trabalhar na secção de Físico-Química, do Insti-

<sup>4</sup> SIRINELLI, Jean François. Op. cit., p. 242.

<sup>5</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>6</sup> FONTES, José Barreto. Escola de Química: O sonho de um idealista. In: *Caderno de Cultura do Estudante*. Ano VIII. nº 08. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, PROEST: Gráfica Triunfo, 1991. p. 119.

tuto de Tecnologia e Pesquisas de Sergipe. Com vínculo retroativo a partir de 1º de dezembro, o contrato assinado mencionou as atividades que o recém chegado da Romênia deveria desenvolver naquele Instituto: “difundir os conhecimentos técnicos que reflitam no aparelhamento industrial do Estado bem como executar qualquer serviço determinado pelo diretor do Instituto”<sup>7</sup>. O contrato, válido por dois anos, deixou claro em suas linhas pautadas, que o novo empregado tinha de se adequar à disciplina do trabalho estabelecido pelo referido Instituto e que receberia um salário mensal de 4.000 mil cruzeiros, pago pelo Tesouro do Estado de Sergipe.

Para entender melhor a chegada de Petru Stefan a Sergipe, é importante contextualizar que, nos anos de 1950, eclodiu no país uma onda desenvolvimentista, que delegou à industrialização a possibilidade de crescimento econômico e avanço tecnológico, no país. Segundo Xavier, “[...] o tema do desenvolvimentismo remete-nos a um contexto muito particular da História do Brasil. Afirmando-se com força durante o governo de Juscelino Kubistchek”<sup>8</sup>. Esse ideário alimentou-se do clima de otimismo que se sucedeu ao término da Segunda Guerra Mundial.

Em Sergipe, nessa década, o Dr. Antonio Tavares de Bragança<sup>9</sup>, diretor do Instituto de Tecnologia do Estado de Sergipe, compartilhou da visão desenvolvimentista, quando mencionou que os avanços tecnológicos que vieram à tona com a 2ª Guerra Mundial. Foram argumentos como esses que o Dr. Bragança usou para sugerir ao Dr. Leite Neto, nessa época, Secretário Geral do Estado, a independência do Instituto e o seu funcionamento em prédio próprio, com dependências para também abrigar a planejada Escola de Química, agora mais

<sup>7</sup> XAVIER, Libânia Nacif. “Educação, raça e cultura em tempos de desenvolvimentismo”. In: MAGALDI, Ana Maria, ALVES, Cláudia e GONDRA, José Gonçalves. *Educação no Brasil: História, Cultura e Política*. Bragança Paulista, EDUSF, 2003.

<sup>8</sup> XAVIER, Libânia Nacif. Op. cit., p. 408.

<sup>9</sup> Antonio Tavares de Bragança nasceu a 22 de agosto de 1903. Natural de Sergipe, filho de Antonio Militão de Bragança e Maria Tavares de Bragança. Farmacêutico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Foi sócio da Associação de Química do Brasil, membro da Sociedade Brasileira de Química, membro da Associação Brasileira de Farmacêuticos, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, ex-professor do 2º ciclo secundário, Diretor do Instituto de Tecnologia de Sergipe. Cf. Curriculum Vitae Antonio Tavares de Bragança.

necessária ao desenvolvimento de Sergipe. Conforme Barreto, “[...] O Dr. Leite Neto, homem inteligente e sensível ao progresso de Sergipe, acatou de imediato a sugestão de Bragança, levando-a ao Interventor Federal Augusto Maynard Gomes, que foi receptivo à proposta de seu Secretário”<sup>10</sup>.

Registra-se, que, nesse momento, muitos cientistas estrangeiros vieram ao Brasil, em decorrência dos conflitos originados no pós-Segunda Guerra Mundial. Aproveitando-se dessa situação, o Dr. Bragança, homem que poderíamos chamar de “predestinado para as questões de industrialização em Sergipe arregimentou muitos desses cientistas para compor o corpo docente do ITPS e da Escola de Química de Sergipe”<sup>11</sup>.

Até o presente momento encontramos o registro de três estrangeiros de origem romena, que se fixaram em Sergipe, a convite do Dr. Bragança, são eles: Dr. Petru Stefan, Dr. Czeslau Yon e Leônidas Gheorghe Tancu. Os dois últimos, antes de virem para Sergipe trabalharam como técnicos da Alcalinas do Brasil<sup>12</sup>.

Esses intelectuais prestaram um grande serviço à Escola de Química, não só pela atuação no magistério, como também pela segurança de continuidade no exercício do mesmo. Na Escola de Química, Tancu assumiu a cadeira de Física da primeira série, em 1951, até então ministrada pelo professor Stefan. Todos os três eram técnicos especializados, com alto nível de formação que iriam atender ao propósito do Dr. Bragança que era o de formar técnicos capacitados para trabalhar nas indústrias que se instalavam no Estado de Sergipe.

Quanto a Petru Stefan, não sabemos ainda, se antes de chegar a Sergipe, ele trabalhou em outro lugar, fato que constatamos com os dois estrangeiros acima citados. As fontes nos mostraram que ele nasceu em

<sup>10</sup> BARRETO, Dílson Menezes. “A Construção do desenvolvimento de Sergipe e o papel do CONDESE (1964-1982)”. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2003, p. 120.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 119.

<sup>12</sup> Tancu, iniciou a sua instrução superior na Alemanha matriculando-se inicialmente na Academia de Minas de Freiberg-Saxônia, Alemanha, em dezembro de 1941”. Prosseguiu seus estudos até 1944, quando foram interrompidos por força dos acontecimentos ligados à Segunda Guerra Mundial. Em abril de 1947, teve a sua matrícula transferida para a academia de Minas de Clausthal Zellerfeld-Harz-Baixa Saxônia, Alemanha, onde se diplomou em 1949. Cf.: BARRETO, Dílson Menezes. *Op. cit.*

12 de novembro de 1922, na cidade de Renghet. Iniciou sua formação superior na Alemanha, cursando Engenharia de Minas, e diferentemente de Tancu, conseguiu diplomar-se pela Academia de Minas de Freiberg-Saxônia, na Alemanha, tornando-se engenheiro. Imigrou para o Brasil em 1950, e em setembro desse ano, foi contratado pelo Estado de Sergipe, o que confirma que ele chegou antes de Leônidas Tancu.

No Brasil, nessa época, “o debate intelectual foi marcado pela busca de compreensão da realidade brasileira, ao mesmo tempo em que se mobilizaram ações de natureza diversas no sentido da aceleração do desenvolvimento autônomo nacional e democratização das relações sociais”<sup>13</sup>.

Os intelectuais sergipanos precisavam também compreender a realidade socioeconômica do Estado para que, desse modo, pudessem se contrapor ao modelo de desenvolvimento econômico pautado na oligarquia açucareira, como denunciou Governador da época, José Rollemberg Leite<sup>14</sup>.

Seguindo as pegadas de tal ideário, o Estado de Sergipe buscou através de seus intelectuais, alternativas para o seu desenvolvimento. Entretanto, como já foi mencionado, esse processo não era especificamente local, e conforme Barreto<sup>15</sup>, tal processo não decorreu de uma articulação interna de suas elites intelectuais ou da incipiente burguesia industrial local, ou ainda da vontade própria de seus governantes. Pelo contrário, ele é decorrência de todo um encaminhamento histórico e político que se produziu na nação brasileira, fruto, todavia, da geração de uma consciência externa construída pela CEPAL para a América Latina, para determinar as alternativas do seu desenvolvimento. Bar-

<sup>13</sup> XAVIER, Libânia Nacif. Op. cit., p. 491.

<sup>14</sup> “A própria situação econômica e social vigente em Sergipe no final da década de quarenta, concorria também para a predominância da dominação oligárquica: o coco, o sal, a pesca, o algodão, a cana-de-açúcar, o gado, representavam as atividades econômicas de maior expressividade e seu modo de exploração retratava as relações sociais de produção da época. O latifúndio e a monocultura da cana continuavam representando o poder político, alimentando o pensamento dominante à época e a garantia do sistema social ‘casa grande-senzala’, levando inclusive o então Governador José Rollemberg Leite, em mensagem à Assembléia Legislativa em 1949, a achar ser “um determinismo ecológico” Sergipe continuar a ser Estado açucareiro”. Cf.: BARRETO, Dílson Menezes. Op. cit., p. 64.

<sup>15</sup> Idem.

reto afirmou ainda que Esse movimento nacional-desenvolvimentista que eclodiu com a grande campanha do ‘petróleo é nosso’ criou fortes raízes políticas e ideológicas a ponto de solidificar em todo o Brasil um pensamento unificado em torno de uma certeza que era o progresso inevitável. Esse pensamento “[...] se internaliza entre todos os segmentos sociais, com maior expressividade na burguesia industrial e na elite intelectual tanto civil como militar brasileira”<sup>16</sup>

Os intelectuais sergipanos já se manifestavam claramente, contra a dominação oligárquica, criando um clima político, bastante propício para que o Estado de Sergipe ampliasse aquela mentalidade, como já estavam fazendo os intelectuais nos demais estados nordestinos. Para aderir à mentalidade desenvolvimentista, os sergipanos precisavam desfazer os laços com o modelo tradicional que ofuscava o brilho do desenvolvimento. Era preciso romper os vínculos tradicionalistas e avançar rumo ao progresso. A onda desenvolvimentista levou os intelectuais sergipanos a se organizarem em torno dessa causa, reafirmando o que Sirinelli entendeu em relação à atuação dos intelectuais que a depender da situação e dos interesses organizam-se “[...] também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes que fundam uma vontade e um gosto de conviver [...]”<sup>17</sup>. Ainda citando o autor “[...] são estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar”<sup>18</sup>.

No que se refere à educação, a expectativa dos governantes era a de colocar o sistema escolar a serviço do desenvolvimento da indústria e dos setores de serviço. Dentro dessa expectativa, precisava-se “[...] ampliar a oferta de mão de obra qualificada e formar quadros técnicos competentes para gerir a economia do país”<sup>19</sup>. A industrialização/educação foi o requisito básico para a prosperidade social. O pensamento dos intelectuais sergipanos, na década de 1950, denuncia a carência de

<sup>16</sup> Ibid., p. 3-4.

<sup>17</sup> SIRINELLI, Jean François. Op. cit., p. 248.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> Cf.: BARRETO, Dílson Menezes. Op. cit., p. 489.

mão de obra qualificada para assumir tais atividades. Foi então que a “planejada” Escola de Química, fazia-se necessária para o desenvolvimento de Sergipe.

Diante do contexto apresentado, percebe-se a necessidade de intelectuais como Petru Stefan, na sociedade sergipana. Até 1958 encontramos os contratos de renovação do vínculo empregatício do professor com o citado Instituto. Paralelamente às atividades do Instituto, Petru Stefan lecionou na Escola de Química de Sergipe.

O primeiro contrato deixou claro o compromisso assumido pelo engenheiro, o qual se comprometeu: “[...] a lecionar, na escola de Química de Sergipe, a cadeira de Física, do 1º ano, com as mesmas vantagens e obrigações dos demais professores, executando afazeres que lhe forem determinados pelo Diretor da aludida Escola, sujeitando-se à disciplina de trabalhos”<sup>20</sup>.

O documento destacou também, as obrigações do recém-contratado perante a Escola e o salário que deveria receber pelo seu trabalho: “o contratado obriga-se a tarefa magisterial de seis (6) a nove (9) horas de trabalho semanal, percebendo a remuneração mensal de dois mil cruzeiros (2.000,00) e mais cinquenta cruzeiros (cr\$ 50,00) por hora de trabalho excedente às acima referidas”<sup>21</sup>.

Com a criação da Escola de Química<sup>22</sup>, esperava-se uma modificação do meio cultural, com a formação dos futuros profissionais, que

<sup>20</sup> ESTADO DE SERGIPE. Arquivo do Instituto de Tecnologia e Pesquisa. *Termo de Contrato do Sr. Petru Stefan, registrado às folhas 196 do Livro Competente do Serviço de Pessoal*. Aracaju, 23 de março de 1950. Cx. 06/613.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Conforme estudo realizado por Jorge Carvalho do Nascimento, a Química em Sergipe tem uma trajetória que começou em 1923, quando foi fundado o Instituto de Química Industrial de Sergipe, pelo presidente Maurício Graccho Cardoso, após a criação do Instituto de Pesquisas Tecnológicas, em São Paulo, e do Instituto Nacional de Tecnologia – INT, no Rio de Janeiro. Ainda de acordo com o referido autor, “em 1926, o Instituto de Química Industrial passou a ter a denominação de Instituto Arthur Bernardes, e em 1942 de Instituto de Química e Bromatologia do Departamento de Saúde Pública de Sergipe”. Em sua análise, Nascimento mostrou ainda que o citado Instituto recebeu, em 1948, a atual denominação, Instituto de Tecnologia e Pesquisas de Sergipe (ITPS). Em 1949 o Conselho Nacional de Educação autorizou a instalação do curso de Química Industrial e o governo estadual regulamentou o funcionamento da Escola de Química em 1950, nas dependências do ITPS. Cf.: NASCIMENTO, Jorge Carvalho. *Ensino, pesquisa e memória: problemas metodológicos para o estudo da História da pesquisa e do ensino da Química em Sergipe (1923-1926)*. In: AZEVEDO, Fernando de (Org.). *As Ciências no Brasil*. 2v. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1994 V.2 p. 343-408.

pudessem suprir às necessidades geradas pelo processo de industrialização. Cumpre notar que a referida Escola atendeu a uma necessidade inadiável de formar técnicos para as indústrias extrativas do Estado de Sergipe. Assim demos os primeiros passos para a implantação da tão sonhada Escola de Química, no entanto ainda faltava a constituição do professorado, que foi uma das grandes preocupações de Bragança. “Porém enquanto cuidava das instalações e do processo de reconhecimento da futura escola, providenciava a constituição do quadro docente”<sup>23</sup>.

A Escola de Química obteve o seu reconhecimento em 1953, permitindo aos seus diplomados o exercício da profissão em todo país. O curso de Química Industrial era de quatro anos e as matérias ministradas pelo Engenheiro de Minas, Petru Stefan foram: Física no primeiro ano; Físico-Química, no segundo ano; e Física Industrial, no terceiro ano, em 1954, quando substituiu provisoriamente, o professor titular da cadeira, José Rollemberg Leite.

O Regulamento da escola estabeleceu as diretrizes que deveriam integrar o programa das disciplinas lecionadas pelos professores. Apresentaremos apenas, as diretrizes das disciplinas ministradas pelo professor Petru Stefan: Física: “teoria dos erros; medidas; calor; princípios fundamentais da termo-dinâmica; ótica física; magnetismo e eletricidade”<sup>24</sup> e Físico-Química: “estudos das propriedades gerais da matéria; mecânica química; termo-química; eletro-química”<sup>25</sup>.

A consulta às cadernetas<sup>26</sup> da escola de Química de Sergipe, além de nos mostrar o conteúdo ensinado pelo professor Stefan, nos anos de 1950, mostrou também a forma como ele dividiu e subdividiu os assuntos da disciplina. Revelou também, o modo pelo qual ele avaliou os seus alunos através de: exercício, exercício prático, seminário e arguição. Ainda nesse ano, na referida escola, o professor ensinou na 2ª série a

<sup>23</sup> MACHADO, Manoel Cabral. 40 anos da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. In: *Caderno de Cultura do Estudante*. Ano VIII. nº 08. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, PROEST: Gráfica Triunfo, 1991 p. 121.

<sup>24</sup> ESTADO DE SERGIPE. Arquivo do Instituto de Tecnologia e Pesquisa. Regulamento da Escola de Química de Sergipe. Aracaju, 1950/1954. Caixa 06/613.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Arquivo Central da UFS. *Cadernetas da disciplina Física I do curso de Química Industrial*. Aracaju, 1950. Cx. 28.

disciplina Físico-Química. As cadernetas revelaram que os alunos da disciplina Físico-Química foram avaliados através de exercícios práticos realizados na maior parte dos meses letivos.

Em 1951 os conteúdos ministrados pelo professor Stefan se repetem e as cadernetas<sup>27</sup> não informaram que o referido professor realizou uma viagem com os seus alunos, em setembro daquele ano, informação encontrada apenas no Relatório de atividades da Escola de Química. O professor Stefan, juntamente com a engenheira e professora Helena de Mello, realizou uma viagem de intercâmbio “técnico-cultural” com os alunos do primeiro e do segundo ano, do curso de Química, para a capital baiana.<sup>28</sup> A viagem teve como objetivo visitar as principais indústrias e faculdades daquela capital.

Vale frisar que a realização desse tipo de atividade estava prevista no Regulamento da Escola, como expressou o seu capítulo três, nos seguintes termos: “[...] serão adotados, como meios de ensino: a preleção, a arguição, os exercícios de aplicação, os trabalhos de laboratórios e, ainda, nas cadeiras de aplicação, as excursões”<sup>29</sup> O regulamento detalhou, dentre outras atividades, as etapas que deveriam ser seguidas pelo professor que adotasse as excursões como procedimento didático: “constarão de visitas às instalações industriais, devendo ser precedidas de exposição pelo professor, instruindo os alunos sobre tudo quanto lhes deva merecer uma apreciação especial”<sup>30</sup>.

Em relação ao curso, o professor engenheiro demonstrou preocupação com a qualidade do aprendizado de seus alunos, quando sugeriu na reunião do Conselho Técnico administrativo que “o curso fosse mais eficiente, e que a frequência fosse obrigatória a todas às aulas, pois só assim, as preleções dos professores seriam mais aproveitadas, ficando os alunos a par de todos os assuntos lecionados nas aulas teóricas”<sup>31</sup>.

<sup>27</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe. *Cadernetas da disciplina Física I do curso de Química Industrial*. Aracaju, 1951. Cx. 28

<sup>28</sup> ESTADO DE SERGIPE. Arquivo do Instituto de Tecnologia e Pesquisa. *Relatório de atividades do segundo período da Escola de Química de Sergipe*. Aracaju, 1951. Cx. 06/613.

<sup>29</sup> ESTADO DE SERGIPE, Regulamento..., op. cit.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> SERGIPE, Instituto de Tecnologia e Pesquisa de Sergipe. Relatório..., op. cit.

A valorização do cientificismo foi uma característica encontrada nos escritos do professor Petru Stefan que, em sua atuação docente, percebeu uma grande ausência de livros-didáticos de Física produzidos na nossa língua pátria. Para ele, essa falta dificultava a compreensão e o aprendizado de suas aulas pelos alunos. Então, suprimindo aquela ausência detectada e ainda com o propósito de ensinar aos seus alunos as novas teorias no campo das Ciências Físicas, em voga na Europa, publicou quatro livros na sua área de estudo. O primeiro foi escrito em 1954, *O princípio da relatividade especial é suficiente para formular as leis físicas?*

Nesse livro, discuti o princípio da relatividade especial, a partir do seguinte pressuposto: “As leis físicas têm uma realidade objetiva, somente se mantiverem a mesma forma em relação a qualquer sistema de coordenadas inerciais”<sup>32</sup>.

O segundo foi produzido em setembro de 1955, uma tradução, revista e atualizada, do alemão para o português, da 13ª edição, do livro de A. Weisbach-F. Kolbeck, “*Tabelas para determinação de minerais*”.

O terceiro livro foi lançado em setembro de 1956, *Efeitos dos sais de Na, K, Ca, Mg, Ba e Sr sobre as propriedades da lama (drilling mud) nas perfurações profundas de petróleo e salgema*. A quarta publicação foi de agosto de 1957, *A luz no quadro das teorias físicas modernas*. Ainda não sabemos se esses livros foram anunciados na imprensa sergipana e nem qual a repercussão que eles tiveram no meio intelectual. Entendemos que verificar o alcance dessa produção é de fundamental importância, tendo em vista que os livros são elementos de referência, pois constitui uma herança, patrimônio cultural e ainda são reveladores de ruptura de ideias, de práticas pedagógicas, de saberes e de vulgarização de conteúdos que foram ministrados em uma determinada época na sociedade. Segundo Sirinelli, esse processo no meio intelectual é essencial para a sua legitimação, uma vez que “[...] constitui, ao menos para seu núcleo central, um ‘pequeno mundo estreito’, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho

---

<sup>32</sup> STEFAN, Petru. *O Princípio da relatividade especial é suficiente para formular as leis Físicas?* Aracaju: Livraria Regina, 1954, p. 7.

editorial de uma editora”<sup>33</sup>. Ainda sob a lente desse autor, destaco que a linguagem comum homologou o termo ‘redes’ para definir tais estruturas.

Seguindo o entendimento de Sirinelli, a rede de relações de Petru Stefan se ampliou de forma que ele rompeu os limites geográficos de Sergipe, e em março de 1954, foi convidado para proferir a aula inaugural da Universidade Católica de Pernambuco, intitulada *A Luz no quadro das teorias físicas modernas*<sup>34</sup>, texto que deu origem ao seu quarto livro, já citado.

Nesse mesmo ano, apresentou uma “comunicação científica”, intitulada: “*Do domínio da Física matemática*” na Academia Brasileira de Ciência, no Rio de Janeiro<sup>35</sup>. Da Escola de Química de Sergipe, o professor Petru Stefan pediu exoneração em 22 de janeiro de 1958, “do cargo de professor catedrático, interino padrão S da cadeira de Físico-Química, da escola de Química de Sergipe”<sup>36</sup>. Nesse mesmo ano, solicitou também, dispensa da função gratificada da seção Físico-Química, do Instituto de Tecnologia de Sergipe, conforme assinala o Decreto de 14 de março de 1958, mas continuou como técnico do referido Instituto. Não sabemos ainda os motivos de tais decisões.

## PETRU STEFAN E A FACULDADE CATÓLICA DE SERGIPE

Outro fato que deve ser mencionado no contexto político desenvolvimentista de Sergipe e que está intimamente ligado à passagem do

<sup>33</sup> SIRINELLI, Jean François. Op. cit., p. 248.

<sup>34</sup> Petru Stefan, iniciou a aula inaugural naquela Faculdade, fazendo a seguinte afirmação “Os filósofos e os cientistas são unânimes em afirmar que a Natureza se esforça, não sem malícia, a nos apresentar a realidade sob o seu aspecto mais complexo, e que, é necessário um esforço enorme para resgatar as razões simples e gerais, a partir das quais o pensamento humano edifica a imagem do Universo. Cf.: STEFAN, Petru. *O Princípio da relatividade especial é suficiente para formular as leis Físicas?* Aracaju: Livraria Regina, 1954, p. 7.

<sup>35</sup> Cf. ESTADO DE SERGIPE. Arquivo do Instituto de Tecnologia e Pesquisa. *Decreto de 06 de julho de 1954. Autoriza Chefe da seção de Físico-Química do Instituto de Tecnologia e Pesquisas de Sergipe, a se ausentar do Estado em missão científica.* Livro de Registro de Títulos e Posses de Funcionários. Cx. 06/613.

<sup>36</sup> Cf. ESTADO DE SERGIPE. Arquivo do Instituto de Tecnologia e Pesquisa. *Decreto de 22 de Janeiro de 1958. Exonera a pedido o professor Petru Stefan.* Livro de Registro de Títulos e Posses de Funcionários. Cx. 06/613.

engenheiro Petru Stefan é a criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe que constituiu também, um novo marco para a construção do desenvolvimento sergipano. Sob o olhar desenvolvimentista, o Governador José Leite, convidou Luciano José Cabral Duarte para conversar com o bispo de Aracaju, Dom Fernando Gomes, “no sentido de a diocese assumir a responsabilidade de criação da Faculdade Católica de Filosofia, comprometendo-se o Governo a ajudá-lo com uma subvenção de Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros)”<sup>37</sup>

Preparado legalmente, o processo de criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FAFI) foi aprovado pelo Conselho Federal da Educação e pelo Decreto-Lei n 29.377 de 28.05.1951. Criada em 25 de março de 1951, por iniciativa da Arquidiocese de Aracaju, a FAFI funcionou com cinco cursos: Filosofia, Letras Anglo-germânicas, Matemática, Geografia e História, e Pedagogia. O professor Petru Stefan é citado nas publicações da época, como um dos fundadores daquela Faculdade, como mencionou Machado<sup>38</sup>.

Evocando mais uma vez Sirinelli<sup>39</sup> é importante notar que a sociabilidade de Petru Stefan pode ser vista também, sob outro ângulo no qual se interpretam o afetivo e o ideológico a partir das “redes” que estruturam os micros climas que caracteriza um micro cosmo intelectual particular. Considerando esse pensamento, entendemos que Petru Stefan integrou o microcosmo intelectual sergipano, que se estruturou em torno da criação da FAFI. Nesse sentido, retomamos o pensamento de Bourdieu que propõe “[...] uma análise da estrutura das relações objetivas entre as posições que os grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade intelectual ou artística ocupam num dado momento do tempo na estrutura do campo intelectual”<sup>40</sup>

<sup>37</sup> MACHADO, Manoel Cabral. Op. cit., p. 128.

<sup>38</sup> “Relembro esses abnegados professores fundadores: Gonçalo Rollemberg Leite, Felte Bezerra, Maria Thetis, Joviniano de Carvalho Neto, José Silvério Leite Fontes, Garcia Moreno, Frei Gerônimo, Frei Edgard, Pe. Euvaldo Andrade, Manoel Cândido dos Santos Pereira, José Olino, Manuel Ribeiro, José Rollemberg Leite, José Barreto Fontes, Emmanuel Franco, Fernando Porto, Lucilo Costa Pinto, Paulo Machado, Walter Cardoso, Petru Stefan, Luis Rabelo Leite, Fernando Barreto Nunes, Bonifácio Fortes e eu”. Ibid., p. 129.

<sup>39</sup> SIRINELLI, Jean François. Op. cit.

<sup>40</sup> BOURDIEU, Pierre. Op. cit., p. 191.

Então, Petru Stefan que já transitava no meio intelectual sergipano firmou uma rede de relações com pessoas importantes do meio e foi apresentado inclusive, como um dos fundadores da FAFI. Desses intelectuais citados como fundadores da Faculdade, oito compuseram o corpo docente daquela Instituição para lecionarem nas cadeiras mencionadas, como mostra o quadro 1, elaborado conforme Santos<sup>41</sup>.

Quadro 1 - Primeiros professores da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe

DOCENTE	FORMAÇÃO	CADEIRA
Pe. Luciano J. Cabral Duarte	Filosofia e Teologia	Psicologia Racional
Pe Euvaldo Andrade	Filosofia e Teologia	Introdução à Filosofia
Pe. Artur Moura Pereira	Filosofia e Teologia	Lógica
Dr. Manuel Cabral Machado	Bac. em Ciências Jurid. e Sociais	História da Filosofia
Dr. Felte Bezerra	Odontologia Clínica	Geografia humana
Profª Maria Thétis Nunes	Geografia e História	Geografia Física
Dr. Gonçalo Rollemberg Leite	Bac. em Ciências Jurid. e Sociais	Hist. Antiga e da Idade Média
Dr. José Barreto Fontes	Engenheiro Químico	Física Geral e Experimental
Dr Lauro Barreto Fontes	Engenheiro Civil	Geometria Analítica
Dr. João Perez Garcia Moreno	Médico	Antropologia
Dr. Petru Stefan	Engenheiro civil e de minas	Análise Matemática

Fonte: Relatório do primeiro período letivo de 1951, da FCFS.

Na citação anterior, Machado elencou vários professores que estão ausentes no primeiro quadro de professores da FAFI<sup>42</sup>, a exemplo de: Joviniano de Carvalho Neto, José Silvério Leite Fontes, Frei Gerônimo, Frei Edgard, Manoel Cândido dos Santos Pereira, José Olino, Manuel Ribeiro, José Rollemberg Leite, Emmanuel Franco, Fernando Porto, Lucilo Costa Pinto, Paulo Machado, Walter Cardoso, Luis Rabelo Leite, Fernando Barreto Nunes e Bonifácio Fortes.

Ainda conforme Santos, “[...] o primeiro quadro de professores da FAFI foi formado por professores com experiência anterior no mag-

<sup>41</sup> Cf. SANTOS, Lenalda Andrade. Curso de História: Resgate da memória histórica. In: ROLLEMBERG, Maria Stella Tavares; ANDRADE, Lenalda Andrade Santos (orgs.). *UFS: História dos cursos de graduação*. São Cristóvão-SE: CEAV/UFS, 1999.

<sup>42</sup> “Alguns destes ausentes marcaram presença na primeira reunião da Congregação de professores da Faculdade, presidida pelo bispo D. Fernando Gomes [como] os Doutores Gentil Tavares de Mendonça, José Olino de Lima Neto, Valter Cardoso e José Silvério Fontes, [e] logo foram incorporados ao quadro docente da Instituição”. SANTOS, Lenalda Andrade. Op. cit., p. 160.

istério secundário e superior, na condição de Catedráticos Interinos”<sup>43</sup>. Como podemos observar no quadro 01, o professor Petru Stefan foi contratado para lecionar “Análise Matemática”, no curso de Matemática que funcionou até 1957. As cadernetas nos mostraram que nesse curso ele ensinou as disciplinas Mecânica Racional e Mecânica Celeste, até o ano de 1953. Em 1954, não encontramos mais os registros daquele professor no curso mencionado. As cadernetas evidenciam que o professor, o Dr José Rollemberg Leite assumiu a disciplina Análise Matemática.

Mas qual a relação que o professor Petru Stefan tinha com o curso de Geografia? Essa relação só é possível compreender a partir da análise do curso de Licenciatura em História e Geografia da FAFI. Esse curso “foi ofertado conjuntamente, em regime seriado, com duração média de (04) quatro anos e carga horária total de 2.700 horas [...]”<sup>44</sup>. As atividades acadêmicas da FAFI começaram em março de 1951 e as disciplinas que fizeram parte do primeiro currículo foram:

Quadro 2 - Disciplinas do curso de licenciatura e bacharelado de Geografia e História

ANO	MATÉRIA
1º	Antropologia, Geografia Física, História Antiga, Geografia Humana.
2º	Geografia Física, Etnologia, Geografia Humana, História da Civilização, História do Brasil e Teologia.
3º	Etnografia do Brasil, História da América, História da Civilização e Geografia do Brasil, História do Brasil, Teologia.
4º	Didática Geral, Fundamentos Biológicos da Educação, Administração Escolar, Psicologia Educacional, Fundamentos Sociológicos da Educação e Didática Especial de História da Civilização e de Geografia, Teologia.

Fonte: Atas das provas parciais das cadeiras da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries do curso de Geografia e História da FAFI.

Nas atas das primeiras provas parciais, das cadeiras da primeira e da segunda séries do curso de História e Geografia, encontramos, mais uma vez, a presença de Petru Stefan como professor da cadeira de Geografia Física. As Cadernetas da FAFI dessa disciplina mostram os conteúdos ministrados pelo professor Stefan em 1952-1955.

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> Ibid. p. 293.

No segundo ano, as cadernetas apresentaram uma repetição dos assuntos referentes à Geografia Física, ministrados na primeira série. Fato que nos levou a inferir que o professor ensinou os referidos assuntos elevando-os ao nível da segunda série. Em 1956, ele fez uma grande modificação e inseriu uma parte histórico-evolutiva da Geografia no conteúdo da Geografia Física da primeira e da segunda séries. Finalizou o primeiro semestre de 1956 com a realização de um teste para a primeira prova parcial. Em agosto, as cadernetas trouxeram o nome de Petru Stefan, como professor da cadeira de Geografia Física, mas quem lecionou a matéria foi a professora Cleonice Xavier de Oliveira que já ensinava Geografia do Brasil nos anos anteriores. No segundo semestre de 1956, não encontramos mais os registros daquele professor, sendo a cadeira de Geografia Física ocupada definitivamente pela professora Cleonice Xavier de Oliveira. Vale destacar que cabe uma análise mais detalhada sobre o conteúdo ensinado e ainda sobre a mudança provocada pelo professor da disciplina ocorrida em 1956, pois, como nos ensina Circe Bittencourt, o estudo sobre os conteúdos escolares analisados pelos currículos formais, ou pelos textos normativos e ou ainda, pelos livros didáticos expressam apenas parte do que se concebe por disciplina<sup>45</sup>.

Somente em 1964, o curso de História e Geografia foi desmembrado, passando a ter seus respectivos departamentos, com currículos distintos e campos do saber especializados. Em 1967, formou-se a primeira turma do curso de Geografia, constituindo-se, dessa forma, o primeiro grupo de profissionais com formação específica. Estavam assim formados os campos específicos da Geografia e da História em Sergipe.

Como vimos, Petru Stefan transitou em diversos campos do saber: Geografia, Física, Matemática, Química, Físico-Química. Sobre esse fato, Renato Ortiz, enfatiza que as fronteiras entre as ciências não podem ser rígidas, caso contrário teríamos o fracionamento de

<sup>45</sup> Segundo Circe Bittencourt há muitos estudos que têm avançado de forma a perceber “[...] as práticas escolares, as ações e criações de professores e alunos no cotidiano das salas de aula. Nessa perspectiva, surgem estudos que além da documentação escrita utilizam fontes orais, especialmente quando se trata de períodos mais recentes [...]”. Cf. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Disciplinas escolares: História e Pesquisa*. In: OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda; RANZI, Maria Fischer (Orgs.). *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista: EDUSE, 2003, p. 35.

seu entendimento<sup>46</sup>. Talvez dentro desse entendimento e dentro da noção de campo de Bourdieu, como sendo um “espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de leis próprias”<sup>47</sup> que possamos compreender melhor, a trajetória desse intelectual que saiu de Sergipe sem deixar rastros.

Enfim, a escolha do professor Petru Stefan, como objeto deste estudo, deve-se ao fato de ele ter ocupado um lugar singular no panorama cultural e político sergipano na década de 1950, e ainda por ter contribuído para o desenvolvimento tecnológico e educacional do Estado de Sergipe, onde se mostrou preocupado em estudar as reservas minerais do Estado, produziu livros e preparou um corpo de profissionais que povoaram as indústrias sergipanas, na década de 1950. Vimos também, que estávamos apenas, descobrindo os primeiros fios de uma trama que envolve não somente aquele professor, mas a criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

## FONTES

ESTADO DE SERGIPE. Arquivo do Instituto de Tecnologia e Pesquisa. Curriculum Vitae Antonio Tavares de Bragança. In: *Relatório apresentado do Diretor do ensino superior pelo inspetor Hermilo Affonso Guerreiro relativo à escola de Química de Sergipe*. Aracaju, 1949. Cx. 06/613.

ESTADO DE SERGIPE. Arquivo do Instituto de Tecnologia e Pesquisa. *Relatório apresentado do Diretor do ensino superior pelo inspetor Hermilo Affonso Guerreiro relativo à escola de Química de Sergipe*. Aracaju, 1949. Cx. 06/613.

ESTADO DE SERGIPE. Arquivo do Instituto de Tecnologia e Pesquisa. *Termo de Contrato do Sr. Petru Stefan, registrado às folhas 196 do Livro Competente do Serviço de Pessoal*. Aracaju, 23 de março de 1950. Cx. 06/613.

<sup>46</sup> ORTIZ, Renato. *A Sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

<sup>47</sup> BOURDIEU, Pierre. Op. cit., p. 20.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Arquivo Central da UFS. *Cadernetas da disciplina Física I do curso de Química Industrial*. Aracaju, 1950. Cx.28.

SERGIPE, Instituto de Tecnologia e Pesquisa de Sergipe. Serviço de Pessoal. *Ata da quarta reunião do Conselho Técnico Administrativo da Escola de Química de Sergipe realizada no dia 6 de novembro de 1951*. Livro de Registro de Títulos e Posses de funcionários. Cx. 06/613.

ESTADO DE SERGIPE. Arquivo do Instituto de Tecnologia e Pesquisa. *Regulamento da Escola de Química de Sergipe*. Aracaju, 1950/1954. Caixa 06/613.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe. *Cadernetas da disciplina Física I do curso de Química Industrial*. Aracaju, 1951. Cx. 28.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Arquivo Central da UFS. *Atas das provas parciais das cadeiras da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries do curso de Geografia e História da FAFI*. Aracaju, 1951-1954. Cx. 25.

ESTADO DE SERGIPE. Arquivo do Instituto de Tecnologia e Pesquisa. *Relatório de atividades do segundo período da Escola de Química de Sergipe*. Aracaju, 1951. Cx. 06/613.

ESTADO DE SERGIPE. Arquivo do Instituto de Tecnologia e Pesquisa. *Regulamento da Escola de Química de Sergipe*. Aracaju, 1950/1954. Cx. 06/613.

ESTADO DE SERGIPE. Arquivo do Instituto de Tecnologia e Pesquisa. *Decreto de 06 de julho de 1954. Autoriza Chefe da seção de Físico-Química do Instituto de Tecnologia e Pesquisas de Sergipe, a se ausentar do Estado em missão científica*. Livro de Registro de Títulos e Posses de Funcionários. Aracaju, 1954. Cx. 06/613.

ESTADO DE SERGIPE. Arquivo do Instituto de Tecnologia e Pesquisa. *Decreto de 22 de Janeiro de 1958. Exonera a pedido o professor Petru Stefan*. Livro de Registro de Títulos e Posses de Funcionários. Cx. 06/613.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Dílson Menezes. “A Construção do desenvolvimento de Sergipe e o papel do CONDESE (1964-1982)”. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2003.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Disciplinas escolares: História e Pesquisa*. In: OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda; RANZI, Maria Fischer (Orgs.). *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. 366 p. (Estudos CADPH. Série Historiografia).

BOURDIEU, Pierre. *Os Usos Sociais da Ciência: por uma Sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2003.

\_\_\_\_\_. *Economia da trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982.

FONTES, José Barreto. Escola de Química: O sonho de um idealista. In: *Caderno de Cultura do Estudante*. Ano VIII. n° 08. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, PROEST: Gráfica Triunfo, 1991.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HERSCHMANN, Micael; KROPF, Simone; NUNES, Clarice. *Missionários do Progresso. Médicos, Engenheiros e Educadores no Rio de Janeiro 1870-1937*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

XAVIER, Libânia Nacif. “Educação, raça e cultura em tempos de desenvolvimentismo”. In: MAGALDI, Ana Maria, ALVES, Cláudia e GONDRA, José Gonçalves. *Educação no Brasil: História, Cultura e Política*. Bragança Paulista, EDUSF, 2003.

MACHADO, Manoel Cabral. 40 anos da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe In: *Caderno de Cultura do Estudante*. Ano VIII. n° 08. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, PROEST: Gráfica Triunfo, 1991.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho. “Ensino, pesquisa e memória: problemas metodológicos para o estudo da História da pesquisa e do ensino da

*Química em Sergipe (1923-1926)*”. In: AZEVEDO, Fernando de (Org.). *As Ciências no Brasil*. 2v. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1994 V.2 p. 343-408.

OLIVA, Terezinha Alves de; ANDRADE, Lenalda Andrade Santos (orgs.). *UFS: História dos cursos de graduação*. São Cristóvão (SE): CEAV/UFS, 1999.

ORTIZ, Renato. *A Sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

SANTOS, Lenalda Andrade. Curso de História: Resgate da memória histórica. In: ROLLEMBERG, Maria Stella Tavares; ANDRADE, Lenalda Andrade Santos (orgs.). *UFS: História dos cursos de graduação*. São Cristóvão (SE): CEAV/UFS, 1999.

SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

STEFAN, Petru. *O Princípio da relatividade especial é suficiente para formular as leis Físicas?* Aracaju: Livraria Regina, 1954.

